

## INSTRUÇÕES PARA APRECIAR O MUSEU DO LIXO

Leonardo Ambrosio Rosa\*  
Pedro Gabriel de Melo Ruiz\*\*

Como parte da disciplina de Direito Ambiental, no dia 13/11/2018 fomos ao galpão de triagem e sede administrativa da Companhia de Melhoramentos da Capital (COMCAP) para visitar um setor menos movimentado: o Museu do Lixo. Não há taxa ou ingresso, pois a (pouca) dificuldade de localizar a entrada dispensa aqueles menos determinados a conhecer o local.

De frente ao portal de entrada, percebem-se duas esculturas à esquerda e à direita: um motoqueiro que nos dá boas-vindas e uma chave de sol de ferro torcido. Na parede ao lado da porta, feito de azulejos quebrados, desenha-se uma palavra "ecológico". Infelizmente, não portávamos suficientes ferramentas para analisar se a fragmentação dos azulejos fora proposital ou ao acaso.

Entrando, uma árvore plástica nos convida a deixar nossa mensagem para o Museu. Isso talvez seja confuso, mas trata-se de mero acidente geográfico. Há apenas uma porta exterior, tornando-a tão convenientemente uma entrada (para quem está fora) quanto uma saída (para os outros). A árvore, na realidade, se dispunha àqueles que estavam de saída, pedindo impressões sobre o local. Ela foi, então, ignorada até o final da visita.

Olhando agora para o conteúdo do Museu - podemos facilmente argumentar que a árvore cumpre um papel administrativo, provavelmente assistente de manutenção - encontramos um sem-número de coisas. Não existe palavra melhor do que esta, pois as categorias em que tudo se encaixa são tão diversas e aleatórias que elaborar uma taxonomia seria além da proposta deste breve relatório. Vemos, então, muitas coisas.

A fama do Museu e seu nome sugestivo nos levam à conclusão de que o critério de entrada das coisas é o fato de ter sido encontrada ou não no lixo (lembre-se: Museu do Lixo). Com certeza existem outros critérios para a entrada, pois o galpão de triagem encontra-se em outro local, ainda que não muito afastado (lembre-se: Museu do Lixo).

\* Egresso do curso de Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).  
Endereço eletrônico: Leorubens.leonardo@gmail.com

\*\* Egresso do curso de Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).  
Endereço eletrônico: pgmruiz@gmail.com

Justificativa: Trata-se de trabalho escrito por ocasião da disciplina de Direito Ambiental ao final de 2018. Uma tirada cômica, que na segunda parte "tem" algo de direito, mas que se justifica muito mais pelo rompimento com a escrita acadêmica hermética dentro do ambiente da universidade. Além de, obviamente, ressaltar o Museu do Lixo. Inspirado nos contos de "Instruções" de Júlio Cortázar (instruções para subir uma escada; para dar corda no relógio, I e II; para apreciar uma obra de arte; etc).

O Museu em si não é grande, talvez correspondente a duas salas de disciplinas curriculares e uma de optativas do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ/UFSC<sup>1</sup>). Calcula-se que seja o suficiente para entreter uma classe de crianças de oito a doze anos, por aproximadamente duas horas. Infelizmente, a idade nos prende ao tempo pelos pulsos, motivo pelo qual uma sala de graduandos do CCJ/UFSC não ficaria igualmente entretida.

A inteligente disposição de estantes ao longo das paredes, com balcões no meio da sala, pequenos quartos, e um palco de apresentações equipado com vinte a trinta cadeiras cria um interessante labirinto: adultos (ou crianças com mais de um metro e vinte de altura) conseguem ver a totalidade dos caminhos, sem se perder ou distrair, enquanto olham as crianças menores.

As crianças, em que pese precisarem percorrer esses caminhos por não terem acesso ao ponto de vista privilegiado que apenas a altura concede, o fazem com diversas coisas expostas à altura de seus olhos, convidando-as à observação atenta e silenciosa (ha!) que apenas as crianças podem ter. Mais de uma vez me surpreendi em não ter reparado em tais coisas, por estar muito focado nos caminhos e nas alturas de meus próprios olhos (meço aproximadamente um metro e setenta). É natural a conclusão, portanto, de que o Museu foi projetado para crianças.

As coisas em si, que são e não são lixo, são menos interessantes que a proposta do Museu. É possível descrevê-las minuciosamente, através de frias anotações, mas não parece ser o melhor caminho para fazer o leitor ter clareza sobre o lugar. Na realidade, isso seria um desserviço. Mas, considerando as mentes curiosas e as obsessivas, que não conseguem se desfazer da maneira tradicional de conhecer as coisas, podemos brevemente quebrar a ilusão para ajudá-las a continuar o relatório.

Haviam ao menos três e não mais de três mil coisas. Cruzando o portal, temos a árvore à esquerda, fotografias de Sebastião Salgado à direita, outro portal de prateleiras recheadas de antigas garrafas de vidro à frente. Depois do segundo portal, todas as paredes tem armários com prateleiras, a fim de melhor acomodar suas coisas. Acima destas, diversos quadros, em que num destes figurava Guga.

À frente, aguardam os comentários de visitantes antigas peças eletrônicas, como rádios, videogames, enceradeiras, máquinas de lavar, toca-discos. Os não-eletrônicos nesta seção incluem capacetes, discos de vinil, entre outros que escapam à mente no momento.

Se, ao invés de seguirmos reto no segundo portal, virarmos à esquerda, teremos acesso à uma pequena sala. Uma pequena biblioteca, equipada com livros que dependem de seu leitor para terem seu valor reconhecido (lembre-se: Museu do Lixo) (pense na incredulidade de um dos autores que vos fala em encontrar Juan Carlos Onetti, em espanhol). Se o leitor se impressionou com discos de vinil anteriormente, imagine centenas, com folhas de papel contabilizando os autores e álbuns lá presentes.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina - Campus Universitário. Trindade - Florianópolis - SC - Brasil. CEP: 88040-900.

Deve se ressaltar o acerto do Museu, ao perceber a íntima conexão da música e do livro. Não por serem arte refinada ou qualquer coisa do tipo; não, não. Inclusive, há um acerto também da música e do livro, por terem se emancipado através do lixo, tornando-se independentes e reunindo-se com seus pares no Museu. Talvez seja um dos melhores pontos de encontro já imaginados, aquela pequena sala com poltroninhas, música de um lado, livro de outro, dentro do Museu.

Saindo reto da sala, mais ou menos no centro do Museu, temos um azulejo circular colorido no chão que separa os dois *locus* de um espetáculo: de um lado, o palco, com casinhas de bonecas e bonecos, os residentes das casinhas, e um penico antigo, cujo papel na apresentação é desconhecido; do outro lado, diversas cadeiras, entre vinte e trinta, com formas e tamanhos tão diferentes que, quando as conhecesse pela primeira vez, seria impossível confundir seus nomes. A curta visita, infelizmente, não permitiu conhecer a todas.

Cruzando os azulejos, em momento que não atrapalhe a visão do espetáculo, estaremos mais ou menos de frente às enceradeiras e máquinas de lavar descritas. Se então virarmos à esquerda, passando por trás do palco, estaremos ao fundo do Museu, no exato oposto de sua única porta exterior. Ali encontraremos mais bonecas e bonecos, alguns brinquedos, e um último armário com latinhas e garrafas de cerveja vazias. Parece que os artistas encerraram suas apresentações há muito tempo, tendo em vista a idade das latinhas e garrafas de seu estoque.

O último cômodo do Museu é o quarto fechado, mistério até hoje para este autor. Ele se encontra na mesma parede que dá abertura ao mundo exterior, no começo ou final do passeio, mas no outro extremo. Quaisquer informações além disso são pura especulação.

A visita ao Museu traz interessantes reflexões à mente atenta e distraída, por constituir experiência sinestésica: utiliza, ao mesmo tempo, da visão, audição, olfato, memória, músculos, raciocínio lógico, e, aos mais corajosos, paladar (com fortes ressalvas em relação ao penico).

Antes do Museu, e antes do lixo, elas constituíam posse na vida de alguém. Essa posse, por um motivo ou outro, foi desfeita em favor do lixo, em atestando à coisa: “você já não me serve”. O Museu, se propondo a diferenciar do galpão de triagem, recolhe uma parte do lixo e o faz voltar à qualidade de coisa. Perceba-se, entretanto, que a posse passa a ser mútua: o Museu abriga as coisas (lembre-se: Museu do Lixo) enquanto toma como seu único propósito ser seu abrigo, sendo também posse delas (lembre-se: Museu do Lixo).

Além da questão jurídica da posse, talvez a mais importante constatação seria a da própria finitude das coisas. Quase tudo do Museu foi descartado (evitando aqui juízo de valor sobre o merecimento do descarte), reconheceu-se nas coisas o fim de seu uso. No entanto, maravilhamo-nos ao reconhecer as coisas-posse no Museu, e nos perguntamos por qual motivo alguém veria nelas algum lixo. Este é o momento ideal em que devemos rebater a pergunta para nós mesmos.

O plano material da pergunta pode conter muitos problemas objetivos e mais relevantes à disciplina que ensejou este relatório<sup>2</sup>, mas voltar ao clichê neste momento é abrir mão de perguntas mais importantes. Veja, aqui podemos falar da sociedade de consumo, de risco, de massa, da obsolescência programada, etc. Presuma-se que o fizemos, e voltemos ao raciocínio do restante do trabalho.

Afirmamos que as coisas são definidas pela posse, unilateral (se de alguém) ou mútua (no caso do Museu). Argumentamos também que o descarte é ato de alguém, quando reconhece que determinada coisa perdeu sua utilidade, tornando-se lixo e abrindo mão de sua posse.

A pergunta principal é: o que faz a pessoa concluir que uma coisa tornou-se lixo? O que faz com que uma coisa perca sua utilidade? E, ainda assim, como esse lixo supera as adversidades e consegue elevar-se novamente ao patamar de coisa, no Museu?

A utilidade humana é inconstante. Tenho certeza que o leitor pode lembrar de várias coisas “inúteis” que mantém em sua posse. Mas, em um segundo passo, consegue o leitor refletir sobre as coisas que o construíram? O cobertor de neném ou um livro de infância, fotos de um passado distante, escondidas em um álbum perdido, ou mesmo no celular ou computador? O primeiro instrumento musical...

Percebemos, então, que a utilidade pode criar um poderoso vínculo com o usuário da coisa, em condições de tempo-espço favoráveis. O segundo critério para o reconhecimento do lixo é a não existência desse vínculo. Não havendo vínculo, podemos facilmente reduzir a coisa à seu *quantum* monetário, calculando em poucos segundos seu valor e o custo-benefício de seu descarte.

A ligação da coisa com o usuário se dá por uma característica própria do último, que reconhece na coisa algo de si. A construção do vínculo se inicia quando a coisa corresponde ao usuário por uma identificação mútua; ocorrendo a integração da coisa como coisa-por-si-só<sup>3</sup> na vida do usuário, não mais sendo seu mero instrumento.

Esse vínculo, no entanto, é a mais valiosa lição do Museu. Silenciosamente, permitindo-nos passar os olhos nas coisas lá abrigadas, ele nos mostra que elas pertenciam a alguém, que constituíam parte de sua vida, e descartadas provavelmente sem remorso (com exceção às fotografias de Sebastião Salgado). Reconhecendo nas coisas-lixo uma utilidade, tendo surpresa em pensá-las como descartes, o Museu nos dá todas as ferramentas para compreender todas as coisas como coisas-por-si-só.

É também acertado construir o Museu ao lado do galpão de triagem, pois sua visão impede que a reflexão se dissipe facilmente (apesar de, em segundo momento, possa ser arriscado por parecer um convite às crianças de buscar seus tesouros). Quantas coisas-por-si-só não teremos descartado ao longo da vida?

<sup>2</sup> Vide a primeira frase do primeiro parágrafo deste texto.

<sup>3</sup> Coisa-por-si-só (sub. fem.) (pl.: coisas-por-si-só): todo objeto que dispensa aspectos secundários para se justificar no mundo. Aquilo que ultrapassa sua finalidade original. Aquilo que abriga, em um só corpo, várias coisas. Materialização do verbo intransitivo “existir”.

As ideias mais elaboradas sobre as coisas acabaram com o café deste autor, combustível essencial para o final do semestre. Encerram-se por aqui as reflexões, pois o tempo é curto e o próximo bule deve estimular outras tarefas.

As conclusões que tiramos do presente relatório são: (i) o Museu do Lixo é importante para a conscientização sobre as coisas, a posse, o lixo, o uso das coisas, o vínculo com as coisas, e a vida humana em geral; (ii) é lugar duplamente agradável por permitir, aos adultos e crianças, reflexão introspectiva e entretenimento (não necessariamente apenas reflexão aos adultos ou entretenimento às crianças); (iii) o lixo não deve ser prontamente descartado, uma vez que a inutilidade pode ser apenas uma característica do usuário, e não da coisa; (iv) todas as coisas têm *quantum* monetário, mas elas não podem ser resumidas apenas a isso; (v) as coisas e seus usuários têm uma capacidade de conexão mútua, que se torna relevante ao avaliar o descarte; (vi) todas as coisas são coisas-por-si-só, devendo sua transformação em lixo (o descarte) ser profunda e extensamente avaliada: se ela não é mera inexistência de vínculo, ou ainda se a posse pode ser extinta em favor de alguém ou do Museu.